

Heteronormatividade: Boa linguagem e gírias ruins: Papéis sexuais e de gênero de travestis brasileiras no contexto da prostituição transnacional

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.010-039>

Francisco José Silva do Amaral Luís
Doutor em Antropologia Social e Cultural
Fundação para a Ciência e a Tecnologia IP
Lisboa/Portugal

E-mail: Rottgoris_social@hotmail.com
ORCID: 0000-0001-6996-6311

RESUMO

A modernidade e a pós-modernidade correspondem à extensão dos fenômenos globalizantes, impulsionados pelas novas tecnologias, tanto no campo da comunicação quanto nas interdependências econômicas geradas, destacando-se processos de construção de densas redes urbanas, onde foi possível alcançar o anonimato em relação às afinidades eróticas ou orientação sexual, vivenciadas em contexto comunitário. A ruptura no fluxo unidirecional entre sexo e gênero destaca esquemas de relacionamento assimétricos e estruturais, bem como modelos de pensamento enraizados. Esse colapso cisgênero foi, teoricamente, possível quando Rubin (em Vance, 1984), admitiu a existência de dois sistemas distintos de sexo e gênero, do ponto de vista analítico, operando, no entanto, influências mútuas até o nível da agência identitária e dos projetos de vida. Dessa forma, Rubin destacou as causas da descontinuidade entre sexo, gênero e sexualidade (Rubin, in Lewin, 2006, in Vance, 1984), vendo nelas a justificativa para um sexo biológico não necessariamente correspondente a um gênero. O paradigma dessa autonomia sistêmica máxima é alcançado na construção de uma identidade travesti em um contexto de prostituição transnacional. As travestis, constituindo-se como um grupo transnacional, marcado pela mobilidade de gênero e geográfica, primeiro dentro das fronteiras brasileiras e, posteriormente, em outra fase do projeto, para Portugal. A cidade, a prostituição e a migração emergem como fatores-chave na dispersão geográfica e na construção da identidade sexual/de gênero dessa comunidade. A linguagem e as gírias desempenham um papel importante nessa identidade.

Palavras-chave: Travesti, Sexo, Gênero, Prostituição, Ativo, Passivo, Discurso, Identidade.



1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca captar e analisar estratégias e modalidades de ação desenvolvidas por um segmento de travestis brasileiras, que começaram a migrar para Portugal no final dos anos noventa do século XX e cuja suficiência material e narrativa identitária são possíveis pela manutenção de uma significativa mobilidade intranacional e transnacional direcionada ao mercado da prostituição, que as conecta através da Europa e do Brasil.¹ Apoiados em estudo etnográfico, procuraremos mostrar como as práticas/agências travestis são construídas dentro e entre várias estruturas e por relação com elas. Para tanto, mobilizamos lentes analíticas essencialmente voltadas para o sujeito e seus discursos, que simultaneamente nos permitem desvendar traços e limites estruturais que lhes definem um espectro condicionante de possibilidades discursivas e performativas.

Em um quadro migratório, onde pudemos interagir e observar travestis brasileiras em Portugal, buscamos uma análise de suas modalidades de agenciamento em relação às estruturas discursivas e performativas, que aparentemente as excluem (Namaste, 2000), interrogando construções de gênero e linguagens performativas que mobilizam. Em que medida essas travestis encarnam e perpetuam modos dominantes de pensar e agir masculino, feminino e heterossexual? Em que medida, porém, ressignificam performances de gênero e papéis sexuais hegemônicos, tornando-os fluidos e plásticos, moldáveis e adaptáveis a circunstâncias específicas? Em que situações a conexão entre identidade de gênero e performatividade sexual depende da normatividade heterossexual? Em que outras situações se renegocia ou, se preferimos, se constitui como uma relação estratégica com a estrutura, e que características combinatórias ela pode revelar? Essa ambiguidade na relação dialógica entre construção de gênero e performatividade sexual só pode ser concebida como uma estratégia relacionada às necessidades econômicas de sobrevivência, devido aos cenários de prostituição em que se inserem e que se caracterizam por contextos particularmente adversos, tanto no Brasil quanto na Europa? Podemos perceber essa ambiguidade como uma terceira possibilidade de gênero (Kulick, 1998: 226) ou um sublinhado daquelas existentes?

2 CONCEITOS E DIMENSÕES ANALÍTICAS

2.1 SOBRE A NOÇÃO DE TRAVESTI E OUTROS RELACIONADOS

Urge neste ponto das dimensões conceituais, precisar uma distinção analítica entre algumas construções sociais generificadas e sexualizadas, o que pode produzir algumas incompreensões. Referimo-nos ao transexualismo, ao transgenerismo e à homossexualidade. A homossexualidade/lesbianismo está relacionada à orientação sexual, enquanto a transexualidade e o transgenerismo referem-se à construção identitária e de gênero, porém, os transexuais em determinada fase de suas vidas tomam consciência de sua divergência sexo/mente e realizam uma cirurgia de

¹ Lisboa, Porto, Milão, Roma, Frankfurt, Atenas, Barcelona, Madrid, etc.



correção sexual de orientação médica que os tornam em certo sentido produtos estruturais. A orientação sexual enfatiza a atração sexual por homens, mulheres ou ambos, a identidade de gênero diz respeito à maneira como os indivíduos sentem e expressam seu gênero (Saleiro, 2009: 1-2). As travestis são uma forma específica de transgêneros e, neste artigo, o termo travessia qualifica apenas os sujeitos que realizam o gênero e o sinalizam por múltiplos fazeres sociais, porém, não recorrendo a uma cirurgia de redesignação sexual (ver Garfinkel, 1967, Kessler e McKenna, 1978). Nossos interlocutores se auto-representam e se apresentam majoritariamente² como travestis, obtendo seu sustento econômico da prostituição, na qual "o pênis se torna o elemento central de seu trabalho". (Loise, 2006: 19, ver Kulick, 1998)

Em relação às drag-queens, elas interpretam atributos femininos atuando diante de um público que retorna à sua identidade masculina cotidiana – que nunca muda – após a apresentação. Em relação às travestis, elas operam uma jornada turística de gênero (Ekins e King, 2006)³ - "entre quatro paredes, em termos sexuais, tudo é possível" (entrevista de Adriana) - fato que está relacionado a atividades eróticas desejáveis, mas também retornando à sua condição de masculinidade após aquele evento extraordinário, separando o espaço privado do público no que diz respeito à sua atuação.⁴ Embora, também não envolva uma construção de identidade. (Ekins e King, 2006)

As migrações de gênero aplicáveis apenas a travestis, outros transgêneros e transexuais (Ekins e King, 2006), destaca o uso do prefixo trans, que reflete uma concepção generalizada de transgressão, algo que ultrapassa fronteiras e, simultaneamente, como uma aspiração coletiva de unidade entre esses "transgressores" (Ekins e King, 2005, 2006, Namaste, 2000).⁵ Assim, se os transexuais convergem com a estrutura pela submissão à cirurgia, as travestis muitas vezes ficam em um limbo, devido à sua resiliência em manter uma relação de não correspondência entre sexo e gênero. Pela linguagem vão enquadrar suas experiências e ações, que simultaneamente enquadram aquele esquadrão de forma dialógica. Embora, a ambivalência implícita que encontramos em viver como mulher, mas ter sexo

² Por exemplo, na internet, onde anunciam serviços sexuais; Thaira Lemos se anuncia como "uma linda trans". Day L. como "A cor do pecado e a farsa", referindo-se indiretamente à sua cor de pele negra.

³ Ekins e King argumentam que, em relação às travestis, assistimos a uma migração de gênero, que no caso dos transexuais vai além e que a migração se estende ao sexo. Ao contrário, processos que não envolvem, construções identitárias, como drag-queens e cross-dressers, são consideradas viagens turísticas com consequente retorno ao lar. (Ekins e King, 2006)

⁴ Zimmerman e West argumentam que o gênero não tem um contexto específico como outros papéis, ou seja, médicos, policiais, enfermeiros, etc. (1987)

⁵ Virginia Prince morreu em 2009 com 97 anos e foi considerada pioneira no uso do termo transgênero. Nascida como homem em Los Angeles, em 1912, cedo demonstrou interesse pelo cross-dressing, e aos poucos operou uma mudança total de gênero e passou a viver como mulher até falecer, desde então. Do ponto de vista da Virgínia, um transgênero é alguém que nasceu como homem, embora opere uma mudança na construção de sua identidade de gênero e viva a partir daí sempre como mulher, colocando seios, mas não recorrendo à cirurgia para genitália. Muitas vezes criticou a cirurgia de redesignação, quando mente e corpo mostravam incompatibilidade de gênero, argumentando que a construção de gênero nada tem a ver com as características sexuais, porém concebeu essa cirurgia como uma alternativa válida em casos de incompatibilidade sexual com a mente. (Ekins e King, 2005)

masculino, confira às suas especificidades enunciadas discursivas, muitas vezes vistas por poderes estruturais como incongruências.

3 TRABALHO DE CAMPO E PESQUISA

Esta investigação iniciou-se em Maio de 2006, recorrendo à observação participante por ter vivido durante algum tempo nas casas de Adriana, no Porto e em Lisboa, e prolongou-se até 2014 no âmbito de uma tese de doutoramento. Viver no *locus social* onde se prostituem e também onde vivem seu cotidiano, nos permitiu ter acesso aos seus bastidores e ter contato com muitas outras travestis brasileiras, que trocavam de casa com ela ou com outras travestis.⁶ Nesta pesquisa também exercitamos metodologia etnográfica, realizamos entrevistas semidiretivas e observamos – algumas vezes fazendo parte dela – interações sociais no *facebook*, messenger e orkut.br. Esta comunicação em linha, possibilitou contactos com travestis que vivem em muitas outras cidades da Europa, facto que não seria possível, sem estes canais de comunicação.

4 SEXO, LINGUAGEM, CORPO E PROSTITUIÇÃO

“(…) Se eu era passivo era x, se eu também era ativo, eu ganhava x sobre x, então era muito mais dinheiro!” (Entrevista de Adriana)

Nas ruas brasileiras, após serem expulsas de suas casas, iniciando ou promovendo um processo de ressocialização na rede social travestis, deparam-se com novas circunstâncias e exigências. Esses padrões de comportamento, resultantes não apenas da atividade de prostituição que realizam, mas também da interação com outros membros do grupo, nos conduzem ao pressuposto de que a questão da identidade é negociada no campo da interação. O primeiro passo para uma ressocialização está no fato de que as novas travestis chegaram às maiores cidades brasileiras⁷, não podem morar sozinhas, por isso têm que procurar a casa de um – outra farsa, geralmente uma mais antiga/ – e pagá-la diariamente pela estadia. Em algumas cidades, como Campinas, as travestis também tinham, para aplicar uma quantidade mínima de silicone industrial decidida por travestis mais antigas – a – como requisito para poder ficar e trabalhar lá. Essa aplicação de silicone industrial foi proporcionada pela /⁸ que o faz de forma artesanal utilizando seringas veterinárias e silicone industrial aplicado entre a pele e a carne. O que pode causar e já causou muitas mortes, inclusive Adriana que em 2018, quando caiu na escada de sua casa, viu o silicone entrar na corrente sanguínea causando sepse.

⁶ Ao permutar casas, a maioria das travestis pode exercer a prostituição no domicílio, fato que não acontece no Brasil, onde em sua maioria exercem prostituição/trabalho sexual nas ruas. Por este sistema de trocas de comércio/casa, uma farsa hoje pode ser em Lisboa e amanhã no Porto, ou em qualquer outra cidade, em Portugal ou na Europa.

⁷ Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Salvador, etc.

⁸ Aquele trapaceiro muitas vezes aprendeu a aplicar silicone observando outras aplicações e fazendo em si mesma no início. (Ver Kulick, 1998, Luis e Trovão em Trovão, 2010, Pelúcio, 2006)

Imagem 1- Foto feita na casa de Adriana mostrando um frasco de silicone e uma seringa veterinária.



Começa-se então mais uma etapa de ser travesti, geralmente assistida por uma mãe/mãe de rua que tem a função de iniciar as novas no trabalho sexual, ao mesmo tempo em que uma madrinha/madrinha⁹ de rua as protege e ensina sobre como viver nas ruas e lidar com outras travestis e múltiplos tipos de perigos.¹⁰ Assim, nas ruas e com uma nova micro família socialmente reproduzida, seus corpos tornam-se também uma linguagem¹¹ e, ao mesmo tempo, uma forma de enquadrar seu discurso e gírias.

5 PROCESSO DE GENERIFICAÇÃO. CORPO, MENTE E ESTRUTURA

Assim, em outro *campus*¹² (Bourdieu, 2002) em relação à orientação sexual e não à construção de gênero, as travestis começam a se conceber e ser concebidas por outros como homossexuais, após terem sua primeira experiência sexual com um parceiro do mesmo sexo – geralmente por volta dos 12, 13, 14 anos, na mesma idade em que são expulsas de casa pelos pais (Kulick, 1998, Pelúcio, 2006, 2007, Luís, 2018) - e antes de empreenderem a transformação corporal com ingestão de silicone e hormônios, feita e adquirida fora da estrutura e em mercados de redes marginais. Nas ruas, as travestis percebem práticas sexuais que podem não ser apenas uma questão de prazer ou legitimidade identitária, mas também uma garantia de mais renda. (Kulick, 1998, Loise, 2006, Luís e Trovão em Trovão, 2010, Pelúcio, 2006, Luís, 2018)

⁹ Mãe de rua.

¹⁰ Essas palavras são usadas por travestis. É útil referir que, nos anos 90, todas as ruas do Brasil tinham um *chefe de rua*, um patrão de rua, e se um trapaceiro fosse para a rua sem pedir licença, podia ser severamente espancado ou até morto. Por isso, precisavam ser assistidos e iniciados na rua.

¹¹ Corpo-feito e usado para assinar seu gênero. (Benedetti, 2005)

¹² Campo social.

Assim, quando analisamos identidades e filiações, esse trabalho deve ser feito observando várias escalas de abordagem (ver análise escalonada - Silvano, 1997), caracterizando-as e, acima de tudo, não buscando uma linha de orientação lógica e coerente entre elas, mas devemos buscar e analisar os processos de busca de tal lógica legitimadora, dentro de um dado esquema de pensamentos, acredita e governa, que influencia os sujeitos e vice-versa. Por esse argumento a capacidade reflexiva dos indivíduos é essencial e opera sempre em relação à estrutura e, em determinado ponto, a estrutura é dialogicamente determinada pelos atores sociais, os fazeres. E práticas, mesmo aquelas que são consideradas subversivas (Ver Giddens, 1984 – estruturação e dualidade estrutural)

Nesse contexto dialógico, como muitas de suas "*manas/irmãs*", ¹³Adriana concebe sexo com mulheres – "nunca teve um relacionamento ativo com ninguém... já conheci uma mulher!" (Luís, 2018) - como incompreensível (ver no mesmo sentido Loise, 2006: 18). As mulheres fazem parte do registro de identificações (ainda que incompletas) e amizades – "mulheres amigas, muitas! Mulher, para mim, é só amizade" (Adriana) em Luís, 2018. Esse processo simbólico incorpora como referência a normatividade heterossexual, que exerce enormes influências em suas elaborações discursivas e estratégias de práticas. Embora, não em uma perspectiva mimética, como argumentou Butler ao se referir a travestis e transexuais. (2007, ver também Namaste, 2000)

Essa multiplicidade de contextos relacionais e conseqüente plasticidade de variáveis envolvidas na legitimação de um ator social *em processo de estar em ação* – reflexivamente produzido – também é claramente expressa pelo exemplo de Pelúcio de Fabiana, uma travesti que, dentro dos limites de sua relação "lésbica" com Verônica (outra farsa), usava roupas íntimas masculinas em casa e, no contexto da prostituição de rua, usava "calcinhas" femininas, reproduzindo e refletindo por meio desse esquema, diferentes espacializações e, posteriormente, outras escalas de interação e ação também determinadas por interesses, emoções e afetos (Coleman, 1990, Ortner, 1984). Isso pressupõe, portanto, toda uma construção de gênero que se desenvolve em contextos interativos específicos e diferenciados, de um lado a "casa", de outro a "rua" e o cliente, gerenciando em cada contexto o que se espera do indivíduo pelo outro (Vertovec, 2009). No entanto, se o que confere sentido à relação com Verônica é uma tentativa de legitimar a identidade jogando o binômio calcinha vs cueca¹⁴, com o cliente essa função de sinalização pode ser alterada contextualmente e passível de buscar outras inteligibilidade quando, por exemplo, o cliente pede para ser "ele" para usar calcinha (Adriana), ou quando Fabiana usa calcinha na rua. Por isso, em relação a Fabiana e Verônica, enquanto o masculino e o feminino não estavam presentes em sua relação na cama, as relações sexuais não podiam ser realizadas ou compreendidas. Esse fato reforça a necessidade da presença de um masculino e de um feminino para tornar a relação sexual, inteligível. Simbolicamente é sempre necessário um feminino

¹³ Significa irmã, palavra usada entre travestis brasileiras quando se referem às suas faculdades de prostituição e construção social de gênero.

¹⁴ Um caminho indireto para representar o masculino e o feminino na relação.

com seus atributos, geralmente ligados a ser signos passivos e exteriores de um papel. Ser masculino, ainda hoje, é simbolicamente adequado para ser ativo, mandono e dominante. Assim, em contextos multi-relacionais, a linguagem ordena experiências e práticas, discriminando, apagando ou proporcionando as possibilidades de emergência de sujeitos ou objetos específicos.¹⁵ Embora essa função de ordenação dependa da combinação de variáveis, que também depende de fatores contextuais e hierarquias sociais.¹⁶

6 GAYSPEAK

Em diferentes contextos sociais e financeiros, os homossexuais desenvolveram palavras para classificar a si mesmos e aos outros (homens) de acordo com, por exemplo, sua posição social ou gostos sexuais, recriando também palavras que classificam os homens gays de acordo com suas preferências raciais. "Homens brancos que procuram homens negros (*dinge*) são *dinge queens*, enquanto homens negros que preferem homens brancos são *alpinistas sociais*.." (Stanley em Cameron e Kulick, 2006:54). Novamente, a linguagem enquadra as ações e produz diferença entre os indivíduos. Mais do que ordenar apenas os papéis desempenhados nas relações sexuais, as palavras utilizadas nesse domínio situam o indivíduo em uma interação social mais ampla. Adriana, como vemos por seu discurso, também classifica social e etnicamente seus clientes: "negros e brasileiros eu não atendo, não!". Ou seus colegas/irmãs/manas como pertencentes ou não à comunidade de trapaceiros; "Fagot/*bicha* não tem peito, não tem nada, não tem corpo feito!" Adriana revela em sua fala o cruzamento de variáveis e marcadores socialmente diferenciados, que demarca fronteiras e fornece repertórios identitários discursivos.¹⁷ Em outro nível social de análise, os homens gays reconhecem e revelam em suas práticas a existência de um comportamento adequado ao masculino ou feminino:

(...) a alocação de comportamentos ao longo das dimensões mais salientes dos interesses, tais como focos de gostos e desgostos sexuais e de masculinidade e feminilidade (...) a aculturação em comunidade implica a aprendizagem da língua e do comportamento normativo ao mesmo tempo; um é encarnado no outro. (Sonenschein em Cameron e Kulick, 2006:47)

Por exemplo, muitas vezes eles usam a palavra "carne" para qualificar um homem que vende serviços sexuais e, por outro lado, chamam "butch" para o parceiro masculino de uma relação homossexual, que veste roupas adequadas ao desempenho de seu papel ativo.

¹⁵ Veja Ekins e King sobre estratégias de construção de identidades de gênero, por meio de processos de apagamento, implicações, substituições, conciliações ou insinuações, produzidas sobre e através dos corpos, a fim de destacar características femininas e ocultar traços masculinos. (2006)

¹⁶ Sexo e gênero são feitos sociais, como muitas outras produções humanas, isso porque sexo, gênero e linguagem produzem estratificação social. Rubin considerou que travestis, transexuais e prostituição são classificadas na escala mais baixa de sexo e gêneros por percepções sociais estruturais, embora em sexo e discurso de gênero encontremos outras variáveis, que por diferentes combinações entre elas podem nos fornecer muitos outros resultados analíticos. (Rubin em Vance, 1984)

¹⁷ Esse discurso é produzido em Portugal, classificando de forma diferente negros e brasileiros em comparação com o que ela fazia nas ruas brasileiras. Posicionalidade translocacional. (Anthias e Gabriela, 2000)



A linguagem é, portanto, um produto sócio-histórico desenvolvido em determinados contextos temporais, espaciais e políticos e estes não são universais, ao contrário, são produtos de comportamentos, ações e relações de poder historicamente estabelecidas (Ortner, 1984). Por isso, as novas tecnologias de comunicação assumiram grande importância para as minorias, tendendo a difundir a linguagem de forma mais ampla da mesma forma que potencializam o conhecimento das gírias, o que confere novas dimensões aos conceitos de transformação, reprodução ou identificação e, paralelamente, injeta tempo e espaço (Ledrut, 1979), com novas eficácias dinâmicas sobre gírias e identidades coletivas. De qualquer forma, "(...) qualquer linguagem gay especial deve ser avaliada dentro de uma estrutura contextual." (Hayes em Cameron e Kulick, 2006:68)

7 GÍRIAS FORA DA ESTRUTURA?

O que pedimos agora é simples e concreto. As gírias mantêm a estrutura como referência mostrando abertura a ela, ou estão fechadas em suas próprias fronteiras? Esses processos linguísticos paralelos nos revelarão se os grupos estão abertos ou fechados à normatividade estrutural. Hayes argumenta que a linguagem e a gíria é um discurso específico produzido para facilitar a comunicação entre os membros de um grupo menor e, ao mesmo tempo, excluir o outro dele (Hayes in Cameron e Kulick, 2006). Embora, outros tenham uma opinião diferente:

Eu apresentei como um código que cresce a partir de um histórico com significado limitado apenas a um grupo pode ser, espera-se que crie diferenças na função também. (Darsey, in Cameron e Kulick, 2006:80).

O que Darsey enfatiza é o contexto histórico e interativo em que a *gayspeak* é produzida, que, mesmo que sua eficiência só opere por meio do controle das expectativas do grupo sobre o comportamento individual (Bourdieu, 2002, Coleman, 1990, Vertovec, 2009), no entanto, não é produzida apenas no interior do grupo, mas por meio de interação e negociação duras e complexas com maiorias estruturais que o estigmatizam.

A linguagem especializada compartilhada une as pessoas e, para os gays, pode ser uma forma de autoafirmação, uma forma de rejeitar o tabu. A linguagem especializada constrói e responde à comunidade. (Tripulação em Cameron e Kulick, 2006:56)

Nesse quadro teórico de conexões dialógicas entre minorias e maiorias, entre indivíduos e estruturas, entre ações e normatividade, propomos no caso das travestis, uma abordagem que concebe estrutura e fazer social como as duas faces de uma mesma moeda¹⁸, embora por vezes operando essa dimensão dialógica da relação por meio de processos sociais agonísticos e dolorosos.

¹⁸ Dualidade estrutural. (Giddens, 1984)



8 SEXUALIDADE, GÊNERO, LINGUAGEM E CONTROLE DE COMPORTAMENTO

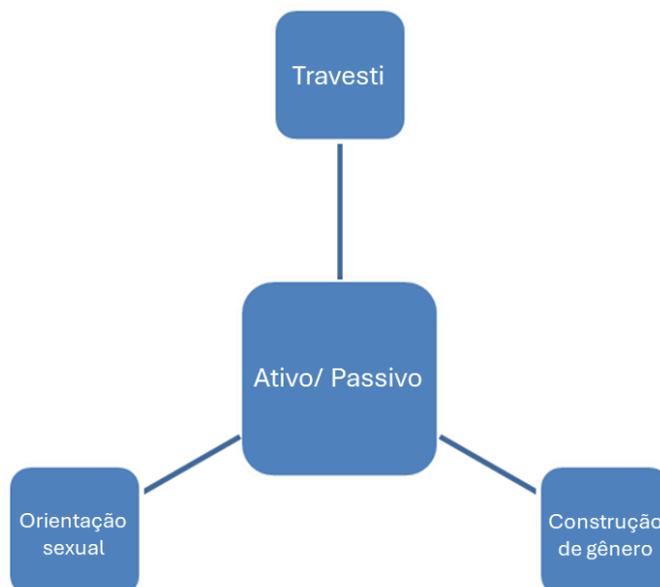
Reordenando variáveis sociais, travestis no contexto das ruas brasileiras recriam outras palavras para dar sentido ao posicionamento social do indivíduo nas interações, ou seja, palavras ou expressões como *viado-viado-viado*, ou simplesmente *vicioso*. A primeira expressão refere-se a um homem, que além de procurar uma relação sexual na qual seja parceiro passivo, também tenta obtê-la de graça. Tentar ter uma relação sexual de pagamento gratuito é algo muito mal visto pelas travestis nas ruas, pois desvaloriza o principal recurso para sua sobrevivência, que além da menor classificação atribuída ao cliente em relação ao papel passivo, o situam em uma hierarquia social inferior. Embora, algumas travestis também realizam e oferecem aos clientes sexo de pagamento gratuito. Estas são ainda mais impopulares entre outros membros do grupo/irmãs/manas - do que os *clientes cruéis* - e podem sofrer sanções impostas por outros membros do grupo, como, por exemplo, ser expulsa de seu *lugar na rua*.¹⁹ Assim, por linguagem, os grupos e seus membros podem classificar e hierarquizar indivíduos, ações e comportamentos.

Por meio desses já mencionados sistemas simbólicos, construções sociais e processos de ressocialização nele realizados, as travestis traçam novos vínculos relacionais entre variáveis, observando, ainda que heteronormativamente, uma orientação em termos de performances sexuais e de gênero. Nesse procedimento simbólico, o sistema que hierarquiza as relações como heterossexuais ou homossexuais é predominantemente o de gênero (Rubin 1976, in Lewin, 2006, in Vance, 1984) e não apenas a orientação sexual, embora revele várias interdependências entre elas. Essas diferentes linhas de variáveis e mentiras estabelecidas entre elas, tornam possível que um homem que mantém relações sexuais com uma travesti não seja considerado gay, se ele for o elemento ativo. Nesse caso, ele é considerado heterossexual, assim como uma relação entre duas travestis pode ser descrita como lésbica e não como homossexual – o caso que vimos de Fabiana e Verônica. "Não! Um homem que fica com uma farsa não é gay! Ele só procura outro tipo de sexo" (Carla Tedesco in Carvalho, 2012), ou "de jeito nenhum! Um homem querendo ficar com uma farsa é como se quisesse estar com duas mulheres!" (Adriana em Luis, 2018)

De fato, consideramos que as travestis operam um reordenamento das variáveis implicadas nos sistemas heteronormativos de sexo e gênero.

¹⁹ Seu lugar nas ruas. Seus *pontos* nas ruas são importantes em várias dimensões. A primeira refere-se à sua sobrevivência, a segunda é uma forma de hierarquizar as prostitutas permitindo que elas permaneçam em lugares mais visíveis, ou menos visíveis, o que tem grande importância na reprodução de seu status grupal, uma vez que as de maior capital social ocupam os melhores lugares, e ao contrário, as de menor classificação, os piores lugares. A visibilidade nas ruas também aumenta as possibilidades de ganhar mais dinheiro. Toda essa estruturação opera jogando sua ressocialização nas fronteiras dos grupos travestis. (ver no contexto da prostituição na Holanda, [Gregory, 2005])

Figura 1 – Linguagem sexual ativa/passiva.



Assim, as travestis reorganizam os vínculos entre a construção de gênero e a orientação sexual. Em outras palavras, as travestis distorcem as conexões estruturais entre sistema sexual e sistema de gênero (Rubin, 1984 in Vance), apenas porque não reconhecem sua correspondência estrutural, embora às vezes a usem estrategicamente. É especialmente no contexto do trabalho sexual que a linguagem de gênero das travestis se desdobra da normatividade heterossexual, mesmo quando, a subverte ou distorce por gênero ou performances sexuais. (Kulick 2003 em Cameron e Kulick, 2006)

De fato, no nível dos discursos e das práticas, gerenciados nas interações da vida cotidiana, as travestis descobrem homens/clientes que buscam o lado passivo e os pagam para participarem ativamente. O que, em outros contextos, constitui um fator que investe sujeitos de masculinidade, neste caso, especificamente, lhes confere uma vantagem no mercado de trocas sexuais, e paralelamente, classifica aqueles homens que buscam o papel passivo, como *mariconas/bichas*²⁰, ressaltando a presença de um sistema simbólico heterossexual baseado em elementos ativos e passivos, e olhando além, sobre um domínio ideológico masculino sobre o gênero feminino (Rubin 1975 in Lewin, 2006, in Vance, 1984), sustentado no sistema patriarcal (Vale de Almeida, 2000, 2000a, Freire, 1964, 1987, Rubin 1975 em Lewin, 2006, em Vance, 1984) e no poder político.

Esse procedimento sintético, operando diferentes escalas de hierarquias entre gênero e sistemas sexuais, também no domínio das práticas, torna possível que um homem passivo, parceiro de uma relação sexual, seja considerado um *bicha/viado/maricona*, porém, como as travestis não se consideram homens homo-orientados, nem mesmo como homens, elas não se classificam como parceiras homossexuais nesse tipo específico de relação sexual. Mais uma vez, em suas construções,

²⁰ Bicha, viado.

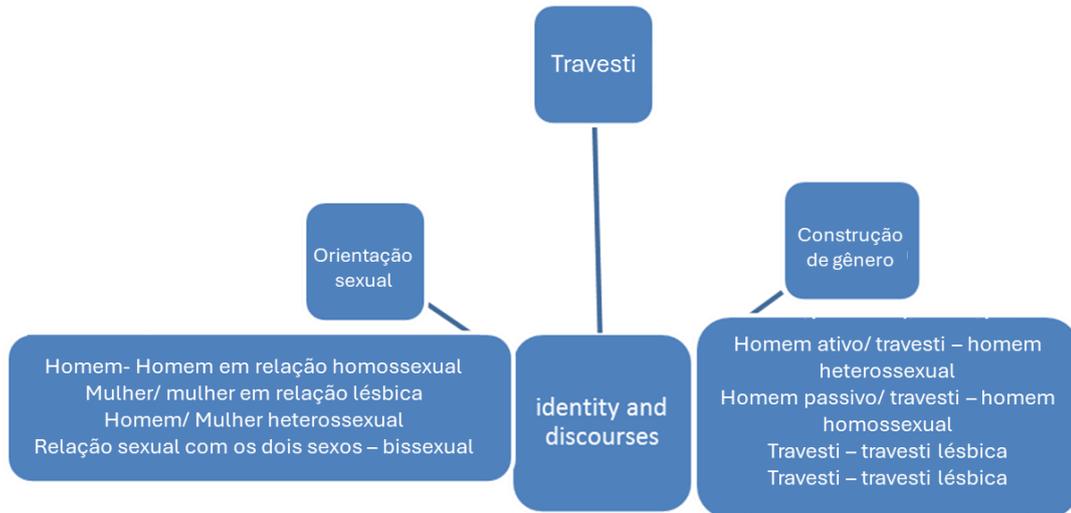
nota-se uma predominância de características produzidas pelo gênero sobre os papéis de orientação sexual. Essa forma de delinear fronteiras entre sexo e gênero pode denotar influências de um modelo sexual existente no Nordeste brasileiro – o modelo bicha-homem/*homem-bicha* (Green, 1999, Kulick, 1997). Esse arranjo sexual e social prescreve que um homem que participa de uma relação sexual com outro homem, como elemento ativo, não é considerado homossexual, enquanto o outro parceiro masculino, sendo passivo, é classificado como homossexual/*bicha*.²¹ Nessa visão das coisas, a identidade individual é posicional (Hall, 1996) e ele se torna homem ou mulher independentemente de seu sexo, pois a predominância é atribuída ao seu papel próprio de gênero desempenhado em uma relação sexual específica. O macho torna-se mulher, somente porque é passivo e a passividade é um atributo feminino, por outro lado, o macho, o verdadeiro homem, se mantém masculino, independentemente de ter uma relação sexual com parceiro do mesmo sexo, apenas porque é ativo.²²

Esses procedimentos nos mostram aquela linguagem que impregna sexo e gênero das ideologias seculares, prescreve o que é próprio e inerente a um homem e a uma mulher (Freire, 1987). Como vemos, segundo esse modelo - homem/viado-homem -, os papéis de gênero de atividade e passividade são os elementos-chave que operam em grande parte nessa classificação, e não o fato de ser uma relação sexual entre dois atores sociais do mesmo sexo. No entanto, a orientação sexual, socialmente marcada pelos sexos dos participantes de uma relação sexual, está muito presente nesses esquemas simbólicos e de pensamento. Assim, o homossexual é o parceiro que desempenha o papel feminino e seus próprios atributos imbuídos (estruturalmente) de características naturalizadas. Por uma interpretação extensiva desse modelo e ao coletar um ponto de vista êmico das travestis entrevistadas, mesmo quando desempenham o papel ativo com um homem, elas não se consideram parceiras masculinas, pois também mostram e sinalizam em seus fazeres generificados a predominância das qualidades femininas. Tal fato também evidencia a perspectiva posicional do sujeito (Hall, 1996), que nos revela que, em uma interação social, há muito mais elementos simbólicos presentes, além dos atores sociais que os participantes podem alcançar.

²¹ Fag.

²² O que é incorreto por critérios heteronormativos de orientação sexual.

Figura 2 - Esquema da travesti para classificar suas e as outras – não-travesti – relações sexuais. Construtivismo essencialista



Como argumenta Pelúcio (2006, p. 526), esses diálogos com a estrutura, que por vezes as travestis distorcem, nos revelam que as travestis brasileiras esperam dos "homens reais" que sejam masculinas, ativas, empreendedoras, penetradoras (ver no mesmo sentido Loise 2006: 20). Nessa perspectiva, o homem será sempre aquele que assumirá o papel ativo (Kulick, 1998: 124). Essa construção de papéis de gênero e desempenho sexual, portanto, não é uma estrutura rígida, no entanto, o ato de diferenciar os dois termos de oposição do binário masculino/feminino, resultando na consolidação de cada um dos termos, tenta operar uma aproximação ao paradigma que concebe um fluxo unidirecional de coerência entre sexo, gênero e desejo, (Butler, 2007: 31), embora alterando contextualmente valores, hierarquias e valorações de sexo, gênero e desejo. Roberta anunciando seus serviços sexuais em uma visão especializada, sublinhou: *Cor da pele: branca. Orientação sexual: Ativo, passivo, completo. Aceite homens, mulheres e casais.*

Por esse ângulo de abordagem analítica, a heterossexualidade se apresenta como referência, mas quando se trata de classificar as práticas sexuais a partir de critérios heteronativos, as travestis distorcem e reorganizam esses agentes estruturantes e o fazem esticando a eficiência das elaborações de gênero, até que se torne possível a emergência de um espectro próprio de possibilidades identitárias, no qual produzem uma narrativa identitária de gênero e sexual específica. Procedimento que flutua inversamente para uma operação original orientada pelo sistema sexual, quando classifica o outro em uma relação sexual desejável e coerente entre não-travestis. Dois homens fazendo sexo são, sem dúvida, gays do ponto de vista travesti, o que neste ponto converge com o judgement social estrutural.

Como argumenta Rubin, existem diferentes sistemas operando no nível social, um é o sistema sexual, pelo qual as performances sexuais desenvolvidas por travestis e ao mesmo tempo prostitutas/profissionais do sexo, são vistas e classificadas como perversões e fazeres sexuais queer, o

outro é o sistema de gênero que constrange e age socialmente sobre sua construção de gênero. Esses dois sistemas, que Rubin considera analiticamente autônomos (in Vance, 1984), ²³embora exerçam influências recíprocas no nível das práticas, parecem estar na base das classificações das travestis, embora, de alguma forma, distorcam e subvertem seu significado estrutural original. Esse procedimento resultou no que Kulick considerava um construtivismo essencialista. (1998)

9 DISCURSO HETERONORMATIVO E SUA EFICÁCIA SOCIAL

9.1 LINGUAGEM, ESTRUTURAÇÃO E COMPORTAMENTO

Essa orientação heteronormativa é bem revelada por Paula Velaskes, uma farsa brasileira que chegou a Portugal em maio de 2007, que inadvertidamente nos mostrou, como o discurso pode situar os indivíduos também em diferentes espaços emocionais e religiosos. Falando de Deus, ela nos disse: "Cristo que era... isso é Cristo! Ele veio... ele estava quebrado, ele não foi aceito! Ele chegou ao ponto de ser morto na cruz, por que vou me sentir derrotado por ser discriminado de alguma forma!" Em português os verbos têm gênero gramatical e quando Paula usou a verbalização "derrotado", o fez na forma masculina. Perguntamos a ela por que, naquele contexto, ela usava essa forma verbal (ver Borba, 2006). A resposta foi clara:

Porque nesse caso, eu estou falando da parte religiosa, sabe? Neste caso tenho grande respeito (...) Eu faço o mesmo com a família, minha família até hoje me chama de Paulo(o), ²⁴sabe? Neste caso eu faço desta forma, e quanto mais eu tentar, eu não serei capaz de mudá-lo! Em relação à religião, eu também faço da mesma forma. (Entrevista de Paula Vellaskez em Luis, 2018)

Persistindo sobre os afetos travestiis e como eles são citados ou produzidos discursivamente, eles foram primeiramente socializados em fronteiras heteronormativas nas quais papéis e performances de gênero aparecem claramente demarcados. Adriana disse:

A amizade era mais com mulheres, eu tinha aquele preconceito de amizade com homens... porque eu sabia que disso eu poderia esperar o quê? Vamos jogar bola... e eu não queria aquela brincadeira de criança para mim na minha infância! Eu gostava de brincar com bonecas, não com bolas! hahahahah (Adriana em Luis, 2018)

Esse processo de socialização sugere uma concepção hierárquica das relações de gênero e sua efetividade em termos sociais práticos, definindo campos sociais e discursivos de ações legitimadas e estruturadas antropologicamente. Assim, também em suas relações amorosas, as travestis reproduzem os papéis estruturais da mulher/esposa, esperando seus parceiros que também se encaixem nesse paradigma heteronormativo (Pelúcio, 2006: 527) – eles têm que ser homens de verdade, homens de verdade! Assim, quando uma travesti se refere ao namorado, ela o produz discursivamente como

²³ Depois de argumentar que os sistemas de sexo e gênero não eram autônomos entre eles. (Rubin 1975 em Lewin, 2006)

²⁴ O nome usado pela família não é Paula, o gênero gramatical feminino de seu nome, eles a chamam de Paulo.

"marido/*marido*", reproduzindo novamente por esse expediente e com carga mais simbólica a naturalização das relações estruturalmente estabelecidas entre homem e mulher. O "marido" – marido – geralmente é alguém que passa a ser cliente e que dia a dia se aproxima do espaço antropológico da casa/*casa*, enquanto o cliente pertence à rua. Esse processo não requer o mesmo tempo que homens e mulheres comuns geralmente precisam, basta que eles tenham tido uma relação sexual prazerosa com aquele homem e se ele quiser presentes e dinheiro, ele se torna seu marido. Por outro lado, essas relações geralmente terminam rápido, em questão de dias ou semanas. De qualquer forma, a palavra *marido*/marido é uma abordagem estratégica do modelo heteronormativo, tentando legitimar seus fazeres sociais como sendo naturais e não anormais ou *queer*.

Muitas vezes, ouvimos que ser uma farsa não é uma questão de escolha, nasceu com eles (Paula Vellasquez in Luís, 2018), afirmação que inadvertidamente constitui a base estrutural para classificá-los como *peessoas queer*, anormais ou com problemas de gênero.

10 CONCLUSÕES

Primeiro vou justificar porque uso a palavra travesti – elas são uma produção específica da cultura brasileira e abraçam uma dimensão de resistência e luta por serem quem querem ser. Pois, explanada, considero as travestis produções performativas e discursivas de generificação, muito produzidas dentro do contexto da prostituição/trabalho sexual e com base no sistema de gênero dominante, que se apoia na heterossexualidade e como consequência no parentesco, do qual resulta a maioria das produções humanas culturais e institucionais. Masculino e feminino, algo que aparentemente transcende (trans), constituem-se como elementos necessários para a execução de suas estratégias, manipulando ambos os termos do binômio em função de práticas sexuais ambivalentes e adaptáveis e performances de gênero à luz das demandas dos clientes ou, paralelamente, em função dos afetos domésticos. Essa ambivalência e plasticidade parecem estabelecer algumas pontes entre seus discursos/práticas sexuais e a construção identitária dos homossexuais no Brasil - o homem modelo vs viado. (Verde, 1999, Kulick, 1997, 1998)

A construção de uma identidade feminina desejável, com traços naturalizados sobre um corpo masculino, que mantém seus órgãos genitais, muito ligados a contextos instáveis trazidos pela pós-modernidade e sua capacidade reflexiva de questionar a estrutura - ainda que, constrangida por ela - mina em nosso ponto de vista a possibilidade de uma terceira via de gênero (como argumentou Kulick, 1998). Realisticamente, as travestis vivem em estado de liminaridade, baseadas em modelos de atuação de masculinidade e feminilidade que emergem do sexo biológico e de construções culturais, compostas pela observação básica das diferenças genitais entre homens e mulheres. Discursiva e politicamente, esses genitais adquirem e incorporam a simbologia de penetrar ou ser penetrado, ser ativo ou ser passivo, ser socialmente ativo ou passivo, dominante ou dominado, o que significa que, mais do que a



sexualidade, a heteronormatividade ordena a sociedade, instituindo o domínio de uns sobre os homens sobre as mulheres (Ortner, 1984), na mesma base em que, por exemplo, o racismo ou a diferença de classes sociais é socialmente estruturada e produzida. Nesse sentido, mais do que um sistema normativo operando sobre a divergência de sexo e gênero, a heteronormatividade é uma ideologia que ordena e hierarquiza toda a sociedade, os heterossexuais também.

Decorre também desta investigação que o fenômeno travestis incorporado no mercado transnacional da prostituição está inserido em um processo comumente conhecido como globalização, no qual os fluxos de pessoas, ideias, imagens, capitais, instalações e informações se processam a uma velocidade nunca antes vista ou sentida, proporcionando o encontro ou choque de culturas e subculturas, línguas e gírias - boas e más línguas - boas ou más práticas, gerando processos paralelos que incentivaram o surgimento de mercados convergentes com o capitalismo e a fetichização da mercadoria. (Harvey, 1989)

Assim, ao migrar, as travestis movimentam-se e atuam estrategicamente em relação a múltiplas estruturas em diferentes níveis, numa perspectiva geográfica quando empreendem projetos migratórios multiorientados e situados, mas também em nível de prostituição, dentro dos quais sua construção de gênero requer maleabilidade em relação aos diferentes contextos de atuação em que atuam - clandestina/institucional, masculino/feminino, ativo/passivo, etc. De fato, esses diversos contextos são campos sociais que também se inserem na estrutura, constituindo subestruturas nas quais as travestis derivam dinamicamente, dependendo das estratégias que realizam para, perseguir seus interesses, conscientemente orientados. Por exemplo, quando elaboram discursivamente conceitos de homossexualidade ou lesbianismo determinados pela construção de gênero, porém, sabemos que em um nível estrutural esses referentes são moldados pela orientação sexual/sistema sexual, principalmente. Agora, eu também vou dizer por que às vezes eu uso a palavra prostituição; Isso decorre do fato de que as palavras têm cargas simbólicas e uma função punitiva. Não queria esconder que a palavra prostituta é o que elas realmente sentem da sociedade como um castigo social por sua identidade e práticas. Assim, as travestis brasileiras em um contexto de prostituição utilizam a heteronormatividade como referência, mas o fazem de forma ambígua que lhes permite construir e preservar sua identidade híbrida. Também é fato que esse repertório de sobrevivência está muito ligado à prostituição, que constitui a única atividade laboral disponível para elas. Toda essa plasticidade de práticas, embora com efetiva coerência entre o grupo - que também possui dispositivos sociais de controle próprios que asseguram a reprodução de comportamentos, discursos e práticas grupais ou sua transformação controlada - traduz-se em palavras e discursos, que expressam relações e hierarquias dentro e fora da comunidade.

Como vimos, todas as gírias têm seu contexto de produção. Somente um fragmento social existente pode gerar uma palavra que o classifique e somente um conjunto de fragmentos sociais pode



resultar em uma enunciação discursiva que os enquadre, porém, sempre relacionados a um sistema de relações de poder existente e concreto. Travestis enquadram gírias e é dialogicamente, moldado pela prostituição, ruas, colegas/manas/irmãs, clientes, violência, discriminação, mobilidade (de gênero e geográfica), sexo e construções de gênero realizadas sob uma supervisão coercitiva de heteronormatividade estrutural, etc.

Essa gíria revela abertura à estrutura quando, por exemplo, reproduzem, ainda que de forma criativa, discursos e palavras que nomeiam algumas figuras institucionais; marido, masculino/ativo, feminino/passivo, masculino/passivo/viado, mãe, madrinha, etc. Revela também o contexto interativo de produção do discurso, só possível em um processo comunicacional em que as pessoas estão envolvidas e dispostas a compreender o outro (Zimmerman e West, 1987), conferindo, em certo nível, legitimidade e inteligibilidade aos seus fazeres sociais comunitários.

Em nosso ponto de vista não há uma terceira via de gênero, pelo contrário, argumentamos que há um reforço do binário masculino/feminino, embora resulte em algo diferente deles, algo que incorpore ambos e que mude as relações hierárquicas entre sexo e gênero heteronormativos. Essa dupla incorporação lhes permite construir uma identidade específica, baseada no binômio estrutural, mas, ao mesmo tempo, em ruptura com ele, uma vez que não constitui um binômio polarizado. Inversamente esses dois termos se misturam, sendo, classificados pelo discurso estrutural como perturbações de gênero. Estrutura que produziu discursos e fatos sociais, criando identidades como travestis ou transgêneros em um contexto médico, como forma de discriminar sua inconformidade com ele, reconhece implicitamente a correspondência não natural de sexo e gênero e seus significados sociais – naturalizados – produzidos, alcançados por meio de manobras políticas no contexto de relações sistêmicas de poder.



REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, M. (2005) *Toda Feita: O Corpo e o Gênero dos Travestis*, Rio de Janeiro: Garamond.
- BOURDIEU, P. (2002) *Esboço de Uma Teoria da Prática, Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras: Celta Editora.
- BUTLER, J. (2007) *Gender Trouble*, New York and London: Routledge.
- COLEMAN, J. (1990) *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press.
- CREW, L. (1978) “Honey, let’s talk about the queens’ english”, in Deborah C. and Kulick D. (eds.), (2006) *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.
- DARSEY, J. (1981) “Gayspeak: a response” in Deborah C. and Kulick D. (eds.) (2006) *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.
- EKINS, R. e KING, D. (2005) *The Book, Virginia Prince: Pioneer of Transgendering*, Richard Ekins and Dave King (eds.), *Hawthorne Medical Press e International Journal of Transgenderism*, Vol. 5, n. 4.
- _____ (2006) *Transgender Phenomena*, London: Sage Publications.
- FREIRE, G. (1964) *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, Recife: MEC/ Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- _____ (1987) *Modos de homem e modos de mulher*, Rio de Janeiro: Record.
- GARFINKEL, H. (1967) *Studies in Ethnomethodology*. NJ.: Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- GIDDENS, A. (1984) *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*, Cambridge: Polity (publisher) .
- GOFFMAN, E. (1993) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio D’Água.
- GREEN, J. (1999) *Beyond Carnival. Male Homosexuality in Twenty-century Brazil*, Chicago and London: The University Chicago Press.
- GREGORY, K. (2005) *The Everyday Lives of Sex Workers in the Netherlands*, New York: Routledge.
- HAYES, J. J. (1981) «“Gayspeak”» in Deborah C. and Kulick D. (eds.) (2006), *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.
- HALL, S. (1996) “The Question of Cultural Identity” in STUART HALL *et al.* (Orgs.) *Modernity and His Futures*, Oxford: Polity Press & The Open University.
- HARVEY, D. (1989) *The Condition of Post - modernity*, Oxford: Basil Blackwell.
- KESSLER, S. J. and MCKENNA, W. (1978) *Gender: An Ethnomethodological Approach*, New York, NY. John Wiley Reprint 1985, Chicago: The University of Chicago Press.
- KULICK, D. (1997) *The Gender of Brazilian transgendered prostitutes*, in «American Anthropologist», 1999, pp. 547-585.



_____. D. (1998) *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgender Prostitutes*, Chicago: University of Chicago Press.

_____. (2003) “N O”, in Deborah C. and Kulick D. (eds.) 2006, *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.

LEDROUT, R. (1979) *La Révolution Cachée*, Paris: Casterman.

LOISE, H. (2006) *Vida Maluca: Ethnographie du Quotidien et des Stratégies de Travail d'une Travesti Brésilienne Clandestine Travaillant dans les Salons de Massages en Suisse*, Mémoire de licence en ethnology, Universidade de Neuchâtel, Neuchâtel : Institute de Ethnology.

LUÍS, F. e TROVÃO, S. (2010), “De Mana em Mana: Transnacionalismos”, in Susana Trovão (org.), (2010) *De Muitas e Variadas Partes ao Portugal do Século XXI. Dinâmicas de género, intergeracionais e familiares em contexto migratórios*, Lisboa: Colibri.

Luís, F. (2018), *Travestis Brasileiras em Portugal, Globalização e a Indústria do Sexo Transnacional*, Lisboa: Chiado Books.

NAMASTE, V. K. (2000) *Invisible Lives: The Erasure of Transsexuals and Transgendered People*, Chicago and London: University of Chicago.

ORTNER, S. (1984) “Theory in Anthropology since the Sixties”, *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 26, No. 1. (Jan., 1984), pp. 126-166.

PELUCIO, L. (2006) “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem”, in «*Rev. Estud. Fem.*», V.14, n.2: Florianópolis.

_____. (2007) “Na Noite nem todos os Gatos são Pardos: Notas Sobre a Prostituição Travesti”, in «*Cad. Pagu*», n.25: Campinas.

RUBIN, G. (1975) “The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex”, in Ellen Lewin (ed.), (2006) *Feminist Anthropology: A Reader*, Oxford: Blackwell Publishing Ltd., pp.88-106.

_____. (1984) “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality.” in Carol Vance (ed.), *Pleasure and. Danger*, New York: Routledge, pp. 143-178.

SALEIRO, S. (2009) “Transsexuality and Transgender: Gender Identities and Expressions of Gender”, Communication on 9^a *Conference of the European Sociological Association Lisbon*, September.

_____. (2009^a) “Transexualidade e transgénero em Portugal: dois “vazios” em debate”, Communication on X *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto*: Braga, Fevereiro.

_____. (2012) “Transexualidade e outras identidades de género: Que futuro? Uma reflexão a partir das ciências sociais” Texto da comunicação apresentada no Simpósio *Identidade de Género e Transexualidade*, Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica/Serviço de Psiquiatria Centro Hospitalar S. João Porto, Março.

SILVANO, F. (1997) *Territórios da Identidade*, Oeiras: Celta.



SONENSCHEIN, D. (1969) “The Homosexual Language”, in Deborah C. and Kulick D. (eds.), (2006) *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.

STANLEY, J., P. (1974) “When we say’s Out of the Closets!”, in Deborah C. and Kulick D. (eds.), (2006) *The Language and Sexuality Reader*, New York: Routledge.

VALE DE ALMEIDA, M. V. (2000) *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa: Fim de Século.

_____. 2000^a, *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*, Celta Editora: Oeiras.

VERTOVEC, S. (2009) *Transnationalism*, London and New York: Routledge.

ZIMMERMAN, D.H. e WEST, C. (1987) *Doing Gender*, in «Gender and Society», Vol. 1, N° 2, pp. 125-151.

CARVALHO, H. (2012) “Travestis” and “Speed Dating”. SIC Television/Portugal, Program passed on television on 15 December. Available at http://sic.sapo.pt/Programas/Nas_Ruas/2012/12/16/nas-ruas--13-programa, accessed on January 2014.